A Difusão do Renascimento — Leitura de Figuras

10.º Ano | História A | 3 páginas | 6 exercícios

Competências que desenvolve: Seguir um fluxograma de difusão cultural, distinguir técnica de adaptação local e reconhecer o caso manuelino como renascimento à portuguesa.

De Florença para a Europa — quem difunde, o que viaja e o que cada país tempera



difundir não é copiar: os reinos adaptam — e o tempero mais nacional de todos é o manuelino

esquema didático · perspetiva c. 1415–35 · classicismo séc. XV · manuelino sob D. Manuel I (1495–1521)

Figura D9 — A difusão do Renascimento: origem, difusores e adaptações.

Exercícios

1. A cadeia (Figura D9): as cinco etapas por ordem, com um exemplo concreto de cada uma.

2. As duas técnicas: o que a perspetiva muda na pintura? E o que o classicismo impõe ao desenho e à arquitetura?

3. Os difusores: por que quatro vias é que a moda viaja (cortes, gravura, bancos, imprensa)? Qual puxa mais?

4. O caso manuelino (caixa laranja): o que o tempero português acrescenta ao vocabulário clássico — e porque faz sentido com as descobertas?

5. V/F (Figura D9) — justifica as falsas: a) «O manuelino é o renascimento italiano copiado à letra.» ( ) b) «A perspetiva foi inventada na corte portuguesa.» ( ) c) «O classicismo gosta da assimetria.» ( )

6. Porquê (5–6 linhas): porque é que a corte de D. Manuel I paga um estilo próprio em vez de comprar obras italianas prontas? Usa a cadeia.

© 2026 Estudantices

Soluções — A Difusão do Renascimento

1. Florença (Médici pagam, antiguidade redescoberta) → **técnicas** (perspetiva, classicismo) → **difusores** (cortes, gravura, bancos) → **adaptações** (cada país tema ao seu gosto) → **língua comum** (vestir, construir e retratar à antiga). Exemplos: Vitruvio reimpresso, Dürer gravando, Leonardo na corte de François I.

2. A **perspetiva** transforma o quadro em **janela**: linhas convergem, o espaço ganha profundidade calculada (Brunelleschi; Alberti escreve a regra). O **classicismo** impõe **proporção, equilíbrio e formas antigas** — medir pelo homem (homo ad quadrum) e voltar a construir como os romanos.

3. Cortes e papado competem por artistas (e levam-nos a trabalhar fora) · **gravura** (Dürer): o desenho viaja impresso, barato e em série · **casas bancárias** (Medici, depois Fugger): o dinheiro financia viagens e monumentos · **imprensa**: os textos antigos (e os novos) chegam a todos. O que mais puxa é a **corte** — porque ela paga e porque imitar Roma é poder.

4. O manuelino **adapta o vocabulário clássico** acrescentando o que a corte de D. Manuel I vive: **cordas, coroas, esferas e motivos náuticos** — a rede das caravelas e a era das descobertas entram na pedra (Jerónimos, Torre de Belém). Faz sentido porque o rei quer exatamente isto: uma arte que diga «o mar é nosso» com a mesma elegância de Roma — poder à antiga, tema à portuguesa.

5. a) **F** — é uma adaptação: «a antiguidade a bordo» com motivos próprios b) **F** — nasce em Florença (Brunelleschi) c) **F** — o classicismo é **proporção e equilíbrio**, o oposto da assimetria.

6. Porque o valor da corte está em **parecer original dentro da moda**: comprar uma estátua italiana é ter a mesma que todos; **mandar fazer um estilo com a própria mensagem** (cordas, esferas, conquistas) é fazer da arte propaganda nacional. A cadeia mostra o processo: ao chegar à etapa de «adaptação», quem quer glória tem de temperar — e o manuelino é isso: o renascimento com a assinatura portuguesa, nas obras que D. Manuel I encomenda para celebrar o mar e a monarquia.

Nota de correção: perspetiva = janela · classicismo = proporção · manuelino = adaptação portuguesa, não cópia.

© 2026 Estudantices